

UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA
DO MODO SUBJUNTIVO
NA CIDADE DE CAMPO GRANDE – MS

Mario Marcio Godoy Ribas (UEMS)

marcoribas@gmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

1. *Considerações iniciais*

A palavra *subjuntivo* é definida pelo dicionário *Houaiss* como aquilo que é subordinado ou dependente. Sintaticamente, então, temos o subjuntivo como um modo verbal dependente de outro, normalmente o modo indicativo, ou ainda dependente de expressões como *talvez*. Logo, a presença do subjuntivo ocorrerá não em orações principais, mas em orações subordinadas, já que tais orações são sempre secundárias na estrutura da frase.

É importante ressaltar que, apesar de o subjuntivo principalmente ocorrer em orações subordinadas, nem sempre estas orações conterão um verbo na forma subjuntiva, pois outros fatores são necessários para que este esteja presente. Pela gramática normativa, este modo ocorrerá

Normalmente, nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar. (BECHARA, 2001, p. 280)

Assim normativamente, teremos frases como (1.1) que indica incerteza e (2.1) que também traz, com o uso da palavra *talvez*, a ideia de possibilidade, logo indicando a não certeza.

(1.1) Não acho que ele vá passar no concurso.

(2.1) Talvez ele não passe no concurso.

Note que, na frase (2.1), o subjuntivo não ocorre em oração subordinada.

Ainda que recomendado pela gramática normativa, nem sempre frases como as acima são estruturadas pelos falantes do português brasileiro. Ocasionalmente, esses falantes estruturam as mesmas orações com o verbo no modo indicativo, principalmente quando o discurso é oral.

Logo frases como (1.2) e (2.2) serão consideradas aceitáveis em português do Brasil.

(1.2) *Não acho que ele vai passar no concurso.*

(2.2) *Talvez ele não vai passar no concurso.*

Assim este trabalho busca estudar dois casos de moradores da cidade de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul, para se verificar se o subjuntivo está em fase de mudança.

2. O subjuntivo no latim

Para se entender como o subjuntivo chegou aos três tempos que temos hoje é preciso nos remeter para as origens da língua portuguesa.

Na língua latina clássica, ele era formado pelo presente e pretérito imperfeito, ambos no grupo dos verbos do *infectum* (tempos que indicam uma ação em curso), e pelo pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito, ambos considerados *perfectum* (indicando uma ação passada).

Já no português contemporâneo, há três formas simples: presente, pretérito imperfeito e futuro. Ainda há outras três formas compostas que são o pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro composto, todas elas compostas pelo presente, pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo, respectivamente, acrescido do particípio passado.

Como os tempos compostos do subjuntivo são formados a partir dos tempos simples, podemos considerar que o português contemporâneo é formado basicamente apenas por três tempos no modo subjuntivo (os tempos simples). Portanto do latim com quatro tempos, houve a redução para três no português.

Silva (2010, p. 126) traz um quadro comparativo da conjugação latina com os correspondentes em português, o qual segue abaixo:

Presente <i>amem > eu ame</i>	Pretérito Imperfeito <i>amarem > (amasse)</i>	Pretérito Perfeito <i>amarim⁹³ > (tenha amado)</i>
Pretérito mais-que-perfeito <i>amassent > (tivesse amado)</i>	Futuro <i>inexistente no latim > (eu amar)</i>	

⁹³ Silva (2001, p. 39) difere de Silva (2010). A autora cita que a forma verbal da 1ª pessoa do singular no presente *perfectum* do subjuntivo é *amaverim* e não *amarim*. O mesmo ocorre com a mesma pessoa do pretérito *perfectum* do subjuntivo: *amavissent* e não *amassent*.

Tabela 1 – Quadro comparativo do subjuntivo em latim e português

Os parênteses indicam que não há relação de exatidão, assim não representa a mesma ideia expressa presente no tempo que o originou.

Logo o único tempo verbal do subjuntivo em latim que carregou os seus valores semânticos para o português corrente é o presente do subjuntivo. Os demais sofreram grandes alterações, por exemplo, o pretérito imperfeito do português contemporâneo é resultado do pretérito mais-que-perfeito latino.

A maior mudança ocorrida foi no futuro do subjuntivo que não existia no latim. Silva (2010, p. 128) afirma que este tempo é o resultado de confusão do falante entre o futuro perfeito e pretérito perfeito do subjuntivo. Viaro (1998, p. 2) cita também que o francês, italiano e espanhol não possuem o subjuntivo futuro, já que seguiram a lógica da língua latina.

Vale esclarecer que o imperativo negativo (e parte do imperativo afirmativo) em português é tomado a partir do subjuntivo presente, porém, no latim, o imperativo possuía características próprias e inclusive um de seus tempos, o imperativo futuro, desapareceu na transformação ocorrida para o português.

3. Hipóteses sobre o objeto de estudo

Não somente como citado nos exemplos do item 1 deste trabalho, existem outras possibilidades de uso do subjuntivo. Bechara (2001, p. 281) cita que “depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser, estar, ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade ou utilidade” é necessário se usar o modo subjuntivo. Portanto a frase (3.1) pode ser considerada como correta gramaticalmente.

(3.1) É bom que você durma antes da prova.

Porém o falante ainda pode estruturar a mesma frase com as estruturas que seguem:

(3.2) É bom que você dorme cedo antes da prova.

(3.3) É bom dormir cedo antes da prova.

Apesar de a partir de análise sintática ser possível verificar possí-

veis mudanças de sentido, as três sentenças são usadas pelo falante contendo a mesma ideia. Podendo ser considerada uma variante em mudança.

Bybee (2007, p. 27, *apud* BITTENCOURT, 2012) sustenta a hipótese de que a mudança sonora tende a afetar primeiramente as palavras mais frequente, portanto por analogia, é possível prever que frases contendo verbos mais frequentes como *ter* e *ser* terão mais ocorrência do subjuntivo. Logo verbos menos utilizados, terão suas formas mantidas por mais tempos.

(4.1) Quando meu filho tiver dois anos, vou colocá-lo na escola.

(4.2) Quando meu filho ter dois anos, vou colocá-lo na escola.

Provavelmente, de acordo com o autor supracitado, a hipótese (4.1) ocorrerá com mais frequência que (4.2) já que o verbo *ter* é amplamente usado no dia a dia.

Porém a possibilidade é maior de o contrário ocorrer com as frases (5.1) e (5.2).

(5.1) Não acho que ele te odeie.

(5.2) Não acho que ele te odeia.

Por mais que os gramáticos insistam que o modo subjuntivo indique conjectura e o indicativo realidade, em algumas situações, a carga semântica do verbo *achar* de hipótese se sobrepõe à expressão de fato do modo indicativo.

Outro aspecto que ainda merece atenção é a semelhança entre o futuro do subjuntivo e os verbos no infinitivo pessoal. Nos casos de verbos regulares, a diferença é nula. Assim sendo, os falantes tendem a apenas aplicar por analogia o verbo no infinitivo pessoal, como nas frases (6.1) e (6.2).

(6.1) Quando eu vir a proposta, eu conversarei com você.

(6.2) Quando eu ver a proposta, eu conversarei com você.

4. A regularização dos verbos irregulares

Mollica (2003, p. 121) diz que

Estudos sobre a fala vêm mostrando que o português brasileiro atual lança mão de muitas formas verbais nem sempre previstas pela tradição da norma para exprimir o modo subjuntivo e o tempo futuro, assim como as expressões condicionais vêm apresentando alternâncias e tendência à regularização.

Em estudo realizado por Macedo (1980 *apud* MOLLICA, 2003), foi realizada pesquisa de campo em uma escola pública no Rio de Janeiro aplicando-se testes com cinco sentenças contendo verbos regulares e outras 15 com verbos irregulares. Quase dois terços dos estudantes que participaram do trabalho regularizaram as formas irregulares criando sentenças como “Não é para você dar o presente dela hoje. Se você dar nunca mais falo com você”.

O fenômeno não é novo e Alves (2009) em sua tese de doutorado encontrou um *corpus* com 264 casos no português do século XVI sendo assim distribuído:

Variante	Ocorrência	%
Presente do subjuntivo	112	42,4
Estrutura alternativa	37	14,0
Presente do indicativo	115	43,6

Tabela 2: ocorrências das variantes – forma do presente do subjuntivo, forma do presente do indicativo e estrutura alternativa

5. Questionário utilizado para entrevistas

O questionário escrito para este trabalho não teve a intenção de coletar dados que pudessem ser utilizados como objeto de estudo ou que pudessem ser usadas como *corpus*, portanto continha apenas questões necessárias para traçar o perfil dos entrevistados.

Para as entrevistas orais, foram utilizadas perguntas que possuíam certa flexibilidade e foram inseridas na conversa sem interrupção ou que fizesse o entrevistado entender que aqueles eram questionamento importantes.

Conforme recomendações de Monteiro (2008, p. 86), foi pedido ao entrevistado que relatasse experiências de vida e, o questionário propriamente dito, somente foi aplicado depois de alguns minutos, quando o entrevistador percebeu que o nervosismo do entrevistado já havia sido reduzido.

Como o subjuntivo ocorre principalmente nas orações subordinadas e respostas quando curtas não englobam a estrutura que inclui o nosso objeto de estudo, tentou-se não as utilizar. Assim se fosse feita uma pergunta como “Para onde você iria se pudesse se mudar para qualquer lugar do mundo?”, poderíamos ter respostas simples como “Para o Rio de Janeiro”.

Da mesma maneira, se fosse perguntado o que ele espera do próximo ano, resposta como “saúde”, “amor” etc., seriam possíveis. Para solucionar tais problemas, formulou questões que pediam para que o entrevistado imaginasse que deveria desejar uma boa viagem para um amigo contendo informações de o que ele desejaria (diversão, segurança, etc.). Nestes casos os entrevistados supostamente deveriam utilizar o conector *que* mais um verbo volitivo, já que palavras isoladas não seriam suficientes para expressar o seu desejo.

Numa tentativa de conseguir verbos no passado ou futuro do subjuntivo, foi preciso fazer perguntas que complementavam as respostas do entrevistado. Assim, ao perguntar para o entrevistado qual situação ele/ela espera para o(s) filho(s) quando crescer(em), esperava-se que fossem usados verbos no presente do subjuntivo. Para aumentar as respostas dos entrevistados, perguntou-se “Quando?”. Com essa pergunta, os entrevistados supostamente replicariam com verbos no futuro do subjuntivo (“quando eles tiverem dezoito anos”, “quando eles morarem sozinho” etc.).

Não houve levantamento sobre a eficácia das perguntas do questionário, porém em um curto período de gravações, inferior a 25 minutos, foi possível se colher mais de 30 ocorrências de usos envolvendo o subjuntivo.

6. A fonte

Foram escolhidos uma mulher e um homem com diferentes níveis cultural e econômico, ambos moradores de Campo Grande há mais de 10 anos. A entrevista A. é casada, tem 24 anos, cursou até o ensino médio, mora em uma região da periferia de Campo Grande, é diarista e tem um filho que frequenta creche pública. Já o entrevistado B. tem 32 anos, considera-se em um relacionamento de união estável, não tem filhos, é formado em contabilidade, cursou pós-graduação *lato sensu*, hoje cursa o seu segundo curso universitário, é dono de uma empresa com mais de 15

funcionários.

7. Resultados

A partir das entrevistas, foi possível coletar 33 ocorrências, nas quais se deveria, caso fossem seguida as regras da gramática normativa, utilizar-se o modo subjuntivo. Ressalta-se que doravante quando houver a referência de necessidade ou obrigatoriedade de uso, tal referência diz respeito às regras da gramática normativa.

Porém além das 33 ocorrências, o informante B. utilizou uma sentença na qual os modos verbais foram utilizados de maneira inversa ao objeto de estudo: um verbo no modo subjuntivo foi usado quando se deveria usar o modo indicativo: “Hoje existe muito assim, amizade por interesse, amizade falsa, é... que lhe traga benefício”.

Não foi possível questioná-lo sobre qual o significado desta sentença. Porém considerando os elementos da frase que indicam fato (“hoje” e “existe”), além da inserção de um quantificador (“muito”), a hipótese mais provável é que signifique: “é... que trazem benefícios [àqueles que as tem]”. Portanto não há carga semântica de incerteza, sendo necessário o verbo no indicativo.

Outra hipótese é uma mudança de pensamento do falante e que, após a pausa, teve a intenção de mudar sua posição e indicar que esses tipos de amizades hipoteticamente podem trazer benefícios: “Hoje existe muito assim, amizade por interesse, amizade falsa, é... que [supostamente] traga[m] benefício[s] [àqueles que as tem]”.

Devido aos problemas que estão presentes no entendimento da sentença, ela foi retirada do *corpus*.

7.1. Desvios da gramática normativa

A tabela abaixo mostra a quantidade de vezes em que um verbo no indicativo foi utilizado quando o recomendado é o subjuntivo e quantas vezes foi utilizado corretamente.

Variante	Ocorrência	%
Indicativo	10	30,3
Subjuntivo	23	70,7
Total	33	100,0

Tabela 3:

Ocorrências de verbos que pela gramática normativa deveriam estar no subjuntivo.

Alguns pontos devem ser considerados ao analisar-se a tabela acima. Como as entrevistas duraram menos de 13 minutos, o grau de monitoramento dos falantes pode ser considerado maior que entrevistas mais longas que permitem a adaptação à situação que o envolve (presença do entrevistador, possível constrangimento de estar sendo gravado etc.).

Mesmo com poucas ocorrências foi possível notar que quando há um distanciamento entre o verbo da principal e o verbo da subordinada, há a tendência de se usar o modo indicativo.

Dos dez casos nos quais o indicativo foi utilizado, houve três onde a ligação entre a oração anterior não estava conectada diretamente à oração que continha o subjuntivo, como no exemplo abaixo da informante A. ao responder sobre o que ela espera do novo prefeito de Campo Grande:

(7) bom... espero que ele... que ele realmente no caso mudando um pouquinho o assunto é a questão da saúde, né? porque é...

Podemos elencar algumas razões que podem ter levado a informante a utilizar o modo indicativo: a) entre a forma verbal “espero” da oração principal e a forma verbal “é”, existem doze palavras; b) a informante fez algumas pausas, o que pode representar uma reformulação de sua ideia; c) não ter compreendido plenamente a pergunta.

Da mesma maneira, em uma das ocorrências o informante B. utiliza corretamente dois verbos no subjuntivo em sequência, porém não segue o paralelismo na terceira ocorrência, provavelmente devido ao distanciamento do verbo na oração principal.

(8) eu espero que ele tenha a educação que eu tive, tenha... um ensino bom e sabe escolher o caminho correto, né... da vida.

Nas ocorrências que seguem as regras da gramática normativa, houve apenas um distanciamento por uma oração intercalada.

Outro dado importante verificado é a possível regularização dos verbos irregulares proposta por Mollica, explicado no item 4 deste artigo. A regularização praticamente tende a conjugar o verbo como infinitivo pessoal, porém não houve ocorrências desse tipo no trabalho. Entretanto é possível fazer adendos à teoria acima já que é possível considerar, por exemplo, o presente do indicativo do verbo “ir” (“eu vou”, “você vai”, etc.) como forma já consolidada pelos falantes do português brasileiro, ou seja, a frequência os fez regulares não pela forma, mas pelo uso.

Variante	Ocorrência	%
verbos irregulares	9	90,0
verbos regulares	1	10,0
Total	10	100,0

Tabela 4: Ocorrências nas quais normativamente se deveria utilizar o subjuntivo e foi usado o indicativo

O verbo *ir* ocorreu 4 vezes, sendo 3 vezes como verbo auxiliar. Também apareceram no *corpus* os verbos irregulares *estar*, *ser* e *saber*.

A ocorrência de verbos irregulares conjugados no modo subjuntivo seguindo o padrão culto foi baixa em relação aos verbos regulares. Como demonstrado na tabela 4, é possível traçar uma tendência de uso do indicativo, ao invés do subjuntivo, quando for necessário se utilizar um verbo irregular.

Variante	Ocorrência	%
verbos irregulares	9	39,1
verbos regulares	14	60,9
Total	23	100,0

Tabela 5: Ocorrências nas quais o modo subjuntivo segue o padrão culto

7.2. Relações sociolinguísticas: o subjuntivo e o falante

A entrevistada A. foi quem mais forneceu material para o *corpus* (23 ocorrências), enquanto o entrevistado B. utilizou-se de formas verbais relacionadas ao objeto de estudo apenas 11 vezes.

A distribuição de ocorrências que seguiram ou se desviaram da norma culta está descrita na tabela abaixo:

Falante	A.		B.	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
indicativo	7	30,4	3	30,0
subjuntivo	16	69,6	7	70,0
Total	23	100,0	10	100,0

Tabela 6:

Ocorrências por entrevistado nas quais o modo subjuntivo segue o padrão culto

8. *Considerações finais*

A partir desse estudo preliminar na cidade de Campo Grande, é possível verificar que as formas pelas quais as ideias do subjuntivo são expressas estão em fase de mudança. Concomitantemente os falantes se utilizam dos modos indicativo e subjuntivo para exprimirem conceitos de dúvida, incerteza e vontade.

Alguns padrões começam a criar formas, como a preferência do uso do modo indicativo quando os verbos irregulares são usados.

Apesar de não se poder afirmar devido à baixa quantidade de entrevistados, existe a possibilidade de a mudança não estar relacionada com classe social ou cultural, pois o percentual de ocorrências padrão e não padrão dos entrevistados foi muito próximo.

Afirmações mais precisas serão possíveis a partir de um trabalho com um *corpus* maior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. F. *A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade*. Campinas: Unicamp, 2009. 184 p. Tese – (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BITTENCOURT, D. L. R. O uso do futuro do subjuntivo: Variação e frequência. *Interdisciplinar*, Itabaiana, v. 16, p. 117-130, jul/dez. 2012.

DEUTSCHER, G. *The unfolding of Language: The evolution of man-*

kind's greatest invention. London: Arrow Books, 2005.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SILVA, G. J. *Sintaxe diacrônica: um estudo de caso*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno10-15.html>>. Acesso em: 27-10-2012.

Subjuntivo. In: Instituto Antônio Houaiss. *Houaiss Eletrônico*. V. 03, jun. 2009. [s.l.]: Objetiva, 2009.

VIARO, Mário Eduardo. Estratégias no ensino dos verbos irregulares do PLE para alunos falantes de outras línguas românicas. *Cadernos do Centro de Línguas*. v. 2. São Paulo: Humanitas, 1998.